



Vinhos



FERNANDO VELUDO/ARQUIVO

Porto Vintage 2007, uma declaração atípica



Rui Falcão

A declaração Porto Vintage 2007 ficará inscrita nos anais da história como uma das melhores declarações de sempre de Porto Vintage. A elegância, precisão, delicadeza e profundidade dos Vintage 2007 é absolutamente memorável, num registo pouco usual nas declarações mais recentes das décadas de noventa e início deste século. Uma declaração para comprar à caixa

O momento de declaração oficial de um Vintage clássico reveste-se sempre de alguma solenidade, circunstância dilatada pela extrema raridade do acto, pouco mais de três declarações por década. São raros os anos bafejados pela fortuna de uma declaração clássica, ano em que a maioria das casas produtoras assentam na existência de uma vindima extraordinária que justifique tal qualificativo, ano em que a Natureza decidiu oferecer condições ímpares para uma vindima excepcional. Para todos os efeitos, uma declaração clássica apresenta-se como sinónimo inequívoco de vinhos excepcionais, vinhos nobres e com capacidade para viver durante décadas em garrafa, vinhos superlativos, avidamente disputados por enófilos de todo o mundo. E agora, para satisfação geral e orgulho nacional, é a colheita 2007 que desponta nos mercados, uma declaração muito aguardada e antecipada, a primeira

com tal qualificativo desde a vindima de 2003.

Uma declaração que, e não tenho qualquer acanhamento em afirmá-lo, qualifico como excepcional, a par das melhores declarações do longo e rico historial do Vinho do Porto. Declaração atípica, singular pela extraordinária elegância e finura dos vinhos, desconforme com todas as regras escritas e tácitas do Vinho do Porto Vintage, substanciada no arpejo dos cânones tradicionais do Douro. Por regra, as declarações clássicas sobrevivem em anos quentes e inclementes, anos desabridos e extremados, como o foram as anteriores declarações de 2003, 2000, 1994 ou 1992. Anos emblemáticos no Douro, ardentes e rijos, materialização perfeita para dar alma a Portos Vintage colossais e esmagadores, vinhos épicos e pujantes, monumentais e heróicos, concentrados e brutais, dificilmente abordáveis nos primeiros anos de vida. Vinhos puros e duros, à imagem do Douro inóspito e indomável onde nascem.

Precisamente o oposto do refinamento e sagacidade da declaração de 2007, colheita onde se discutem sutilezas e nuances em vez de músculo e peso, onde se analisam os detalhes com incrível minúcia, onde se descobrem a filigrana dos taninos polidos mas sólidos e inflexíveis, onde se descortinam a frescura e acidez que sustentam o corpo destes Porto Vintage tão aprimorados.

De tão equilibrados e precisos, de tão viçosos, finos e graciosos nos taninos, de tão delicados e elegantes na estrutura, até poderão parecer, aos olhares mais desatentos, vinhos simples, demasiado subtis, excessivamente delicados, sem especial capacidade de guarda, destinados a um consumo mais ou menos imediato. Absolutamente errado! Os Vintage da declaração 2007 são vinhos robustos e com uma capacidade de envelhecimento notável, sustentados numa acidez mordaz que os refresca e preserva, assentes em taninos duros mas finos e incrivelmente lustrosos, ancorados numa estrutura férrea e rigorosa que só mesmo o equilíbrio prodigioso de 2007 conseguiria dissimular. Os Porto Vintage 2007 têm condições naturais para se afirmar como uma das declarações mais longevas e extraordinárias da história do Vinho do Porto, vinhos originais que se escoram numa visão alternativa do Vinho do Porto, um acaso da Natureza que o Douro soube aproveitar.

Os mais despuddorados poderão facilmente desconfiar perante tal sucessão de declarações retumbantes, num crescendo contínuo de promessas de colheitas do século, patentes nos qualificativos das declarações de 1994, 2000, 2003... e agora 2007. Porque, se contemplarmos o passado histórico das declarações



clássicas de Porto Vintage, recente ou remoto, será impossível recordar uma tal sequência qualitativa entre declarações, com duas décadas seguidas de Vintage deslumbrantes. Como reagir perante tal fenómeno? Pura histeria jornalística, numa competição constante por qualificativos cada vez mais ruidosos? Sim, haverá seguramente alguma contribuição inflamatória do sector, mesmo que insignificante. Porém, tamanho sucesso e consistência devem-se, acima de tudo, à autêntica revolução na vinha, à evolução natural da enologia e das adegas, bem como à discreta evolução da mentalidade e atitude de produtores e enólogos, visível na renovação de gerações que o Douro atravessou nas duas últimas décadas, patente na demanda por vinhos mais serenos e harmoniosos, sem que para isso tivesse sido necessário descurar a potência e concentração intrínsecas ao Douro.

Como sempre, por entre as dezenas de Porto Vintage declarados em 2007, há quem se destaque dos seus pares. Em evidência absoluta, e a coroar a magnificência da declaração, surgem o Dow's e o Fonseca, o primeiro incrivelmente tenso, rigoroso e musculado, matemático na precisão de taninos e acidez, o segundo mais teatral e dramático, austero mas espalhafatoso, num vaivém permanente entre brandura e inclemência. O Graham's surge igualmente glorioso, delicado e terrivelmente sedutor, dócil e acariciador, feminino, quase devasso. Niepoort, Quinta do Noval, Taylor's e Warre's compartilham tal qualmente o brilho das classificações bem-aventuradas, com vinhos cristalinos e profundos, de uma beleza e elegância estonteantes. O Niepoort apresenta-se torneado por uma sucessão de reviravoltas e malabarismos entre delicadeza e vigor, num jogo de equilíbrios perfeito, enquanto o Quinta do Noval se anuncia numa pose nobre no carácter e na postura, um sedutor nato, num registo mais civilizado. O Taylor's será o mais espantoso do grupo, pejado de testosterona, energético e tenso, transbordante de energia, enquanto o Warre's aposta numa postura mais serena e clássica, num porte sofisticado e urbano que lhe augura um futuro radioso.

**32 Vinhos**

Rui Falcão escreve sobre os Porto Vintage e Pedro Garcias dá conta de dois acontecimentos importantes no mundo vínico em Portugal: os Encontros da Quinta dos Carvalhais, na região do Dão, que ocorrem a cada Outono, e o lançamento do Guia de Vinhos de João Paulo Martins.

